

PALECO

JUIZ DE FORA, DEZEMBRO. 2015. ANO VII. Nº 47

ARTE ATUAL DIÁLOGO E VISIBILIDADE

Com a proposta de promover novos talentos, artistas já consagrados e o intercâmbio entre eles e entre diferentes espaços de arte da cidade, o primeiro Circuito Arte Atual Juiz de Fora, realização da Pró-reitoria de Cultura da UFJF, movimentou sete espaços públicos e privados e cerca de 80 artistas com até três trabalhos inscritos. A iniciativa provocou ainda uma reflexão sobre a diversidade e as potencialidades do setor em Juiz de Fora.

Para Thiago Berzoini, integrante da comissão organizadora e artista participante, o projeto coloca os espaços em diálogo constante. "O Circuito tem como objetivo a divulgação e, de certa forma, a popularização dos artistas, por haver a mobilização, ao mesmo tempo, de diversos espaços abertos a todo tipo de público. Seu grande trunfo é a visibilidade massiva das obras", explica Berzoini.

sejam artistas comprometidos com o que fazem". O jovem Bruno Meneghetti, de 25 anos, que expõe três fotografias na Bodoque Artes e Ofícios, considera a iniciativa importante, principalmente para os iniciantes, que, muitas vezes, não sabem como divulgar seus trabalhos.

Com a série "Era", exposta na galeria Hiato, Gisele Ogera considera um grande desafio a tentativa de movimentar o mercado de arte na cidade durante um período de crise econômica, por se tratar de "um território em construção". "É preciso pensar lá na frente e continuar trabalhando. A arte não pode ser vista apenas como mercado, ela provoca transformações, causa conflitos, muda o nosso ponto de vista e é disso que a cidade está precisando". Para o chargista e ilustrador Mário Tarcitano (Saguão da Reitoria), a produção artística brasileira tem sido cada vez



Mavi. Nós.

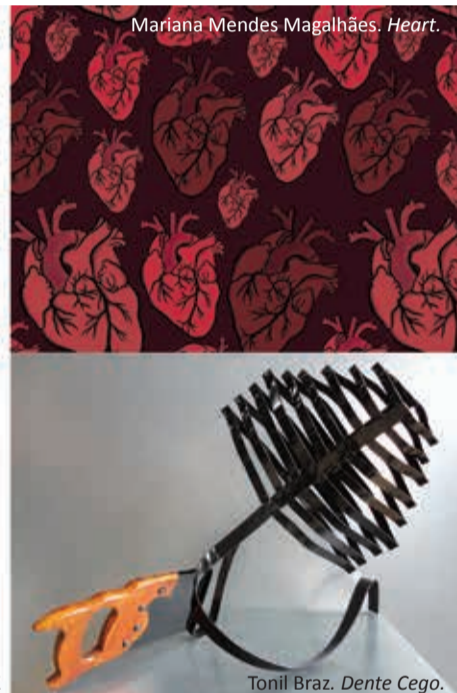


Nanda Gondim. Hasta el infinito.

Clara Downey. Queda.



Júnior Oliveira. 672242*1



Mariana Mendes Magalhães. Heart.



Raízza Prudêncio. Série Aparições.

Kiko Kossoski, que expõe obras de pintura e colagem sobre tela no Saguão da Reitoria, considera o mercado de arte muito diversificado. "Existem pessoas que compram somente porque se identificam com determinado trabalho, independentemente do renome do artista. Outras se importam mais com isso. Temos ainda o gosto pelo academicismo ou aqueles que querem que o quadro combine com a mobília. Acho que o principal papel de um evento como esse é educar o olhar, divulgar a arte, promover um intercâmbio entre os artistas e o público, e seria muito legal se pudesse ser itinerante, seguir para outras cidades, museus e galerias", sugere.

Para a novata Carolina Cerqueira, de 25 anos, que expõe na galeria Hiato, o evento pode tanto possibilitar uma oportunidade de divulgação do trabalho dos novos artistas quanto aproximar um público diversificado das galerias. "Já que o Circuito mobiliza tantos espaços e tantas pessoas, esse pode ser o momento de formar um mercado consumidor de arte em Juiz de Fora que, apesar da crise, se interesse em investir na produção artística da cidade".

Em contrapartida, a estudante Clara Downey, 18 anos, com três fotografias digitais expostas no CCBM, considera o mercado de Juiz de Fora complicado. "Ultimamente, até tenho percebido um aumento no interesse da população em visitar galerias e teatros, mas, muitas vezes, as pessoas sequer sabem que podem comprar as obras expostas. Mas acredito que esse evento vai abrir a mente delas em relação a isso", ressalta. Já Fabrício Carvalho, com obras no Espaço Manufato, acredita que, "embora o mercado de arte não se resuma a compra e venda, há sempre gente interessada em arte, e deve haver alguém produzindo para atender a essa diversidade de interesses".

O Circuito possibilita um intercâmbio entre artistas veteranos e novatos. Para o consagrado artista Paulo Mendes Faria, "uma mostra de arte, para ser mais abrangente, deve mostrar artistas com diferentes linguagens. O fato de ser novo ou veterano não faz muita diferença, desde que

mais respeitada, o que diminui a possibilidade de erro para quem pretende investir em arte. "Normalmente se adquire arte para decoração ou mesmo pelo prazer estético. O investimento seria um passo posterior", acredita.

GALERISTAS

Com obras comercializadas a partir de R\$ 100 e máximo de R\$ 1.000, o Circuito veio para tentar movimentar esse mercado ainda incipiente e tímido da cidade. Segundo Renato Abud, responsável pelo Espaço Manufato, eventos como o Circuito dão visibilidade e geram discussões sobre as sutilezas do processo criativo e comercial das artes. "A receptividade cresce à medida que as pessoas falam, leem matérias e visitam as galerias. Nós, como donos de galeria, temos a obrigação de atrair, informar e desmistificar o clima que inibe novos visitantes e possíveis apreciadores de arte".

Segundo a Pró-reitora de Cultura e idealizadora do projeto, Valéria Faria, ter um vínculo com uma galeria auxilia na promoção do artista profissional. Com uma trajetória de 20 anos como artista plástica, Valéria conhece bem o problema: "Eu sinto falta de uma galeria que exponha e venda os meus trabalhos. O trabalho de difusão e promoção de arte é tão importante quanto a própria produção artística". Responsável pela Hiato Ambiente de Arte, o galerista e artista plástico Petrilho acrescenta: "Ter um vínculo é importante porque você acaba se direcionando ao público específico que quer atingir".

A fotógrafa e coordenadora da CasaVinteum, Nina Mello, destaca outra contribuição da iniciativa da Pró-reitoria de Cultura: "O circuito possibilita o início do mapeamento da produção artística da cidade, além de ajudar a formar e conscientizar o público e os artistas sobre o mercado das artes". A Pró-reitora Valéria Faria aposta na continuidade do projeto e em seu redimensionamento como espaço acadêmico de discussão, investigação e pesquisa sobre arte.

Ismael Crispim / Matheus Medeiros

NESTA EDIÇÃO

MÚSICA ERUDITA
O PAPEL DOS FESTIVAIS

MAMM
VOCAÇÃO MURILIANA

DIÁLOGOS ABERTOS
PATRIMÔNIO MEMORIAL

BIBLIOTECA MURILO
MENDES
RUMO À CATALOGAÇÃO

FESTIVAL PRÓ-MÚSICA/UFJF
EXPERIÊNCIA E IMERSÃO



MÚSICA ERUDITA NOVAS ESTRATÉGIAS PARA DISSEMINAÇÃO

O papel dos festivais musicais, assim como de qualquer outro evento pontual do calendário artístico brasileiro, promovido por instituições constituídas, como escolas, faculdades, universidades, centros culturais e assemelhados, tem a necessidade de ser repensado. O processo de disseminação da música erudita e quaisquer outras músicas só será bem-sucedido e enriquecido se houver associação entre prática, ação pedagógica e lastro científico. Na música, existe um velho mau hábito conservador de separar os executantes dos teóricos e, entre eles, os musicólogos, apartados do restante.

O equívoco tem sido lentamente resolvido pela estratégia de qualificação dos músicos perante um horizonte mais amplo de conhecimentos e entendimentos musicais. Música prática deixa de ser mera compilação de habilidades mecânicas, lastreadas pelo ideal romântico (e já de muito datado) do culto à personalidade, para se fundear num processo emancipador de construção da interpretação.

Do mesmo modo, musicologia passa a ter uma atitude cada vez mais sincrônica como ferramenta de compreensão e produz resultados de horizonte largo que objetivam a prática e a recepção de musicalidades

variadas. Nenhuma dessas ações seria possível sem a certeza de que o processo é educativo, formativo; e assim precisa ser para o sucesso da disseminação cultural. Num país onde a memória foi turvada ou perdida pela incúria do patrimônio material e imaterial, o desafio é ainda maior.

A valorização de uma racionalidade não indolente, ou seja, não subalterna e emudecida, a parâmetros externos, que valorize uma ecologia de saberes, realizará o sonho da heterotopia em um país tão rico em seu passado quanto na sua perspectiva de futuro. Afinal, o presente é menos encapsulado do que parece: há uma dilatação cada vez maior de visões de mundo, de práticas, de perspectivas, que mostram que as ferramentas para superar crises e propor uma existência já existem.

O festival de música de Juiz de Fora desta edição de 2015, que teve a oportunidade de vivenciar, já aponta neste sentido. Que sirva de exemplo para si mesmo e para as ações congêneres em todo o país.

Márcio Páscoa

Diretor da Orquestra Barroca do Amazonas (OBA)

Professor adjunto da Universidade do Estado do Amazonas

Leia sobre o 26º Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga na página 4

DIÁLOGOS ABERTOS O TEMPO EM RETOMADA

O fio da memória volta a se estender com a retomada do projeto *Diálogos Abertos*, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Idealizado pelo atual superintendente do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), José Alberto Pinho Neves, já existe planejamento para edições até o nono livro da série, abarcando a trajetória de personalidades que fizeram da cidade uma vitrine positiva para as artes, a política, a economia, a educação e o comportamento.

O quarto livro a reunir depoimentos realizados para o *Diálogos Abertos* já está no prelo e inclui uma síntese da vida e da obra do poeta Iacyr Anderson Freitas, do ator Marcos Marinho, do artista plástico Eliardo França, do empreendedor Juracy de Azevedo Neves e do compositor Edmundo Villani-Côrtes. O andamento do projeto coloca luz sobre a identidade cultural construída ao longo de décadas no município.

Pinho Neves, que iniciou as entrevistas do *Diálogos Abertos* em 2007 e deu continuidade à proposta até o final de 2012, período em que esteve à frente da Pró-reitoria de Cultura, entende que é hora de reassumir o ideal de preservar esse rico patrimônio memorial. Além do novo livro, que dá sequência aos três primeiros já publicados pelo Selo MAMM/UFJF, ele quer promover a gravação de novos depoimentos.

CENÁRIO PROMISSOR

"Juiz de Fora ainda tem grandes nomes a serem considerados. Saulo Moreira é um deles", ressalta o superintendente do MAMM, referindo-se ao ex-prefeito, amigo e um dos homens de confiança do ex-presidente Itamar Franco, este uma personalidade que rendeu ao projeto uma gravação excepcionalmente longa sobre sua experiência na liderança de Juiz de Fora, ponto de partida para sua trajetória política.

Os livros já publicados trazem, no volume 1, a escritora Rachel Jardim, o engenheiro Arthur Arcuri, a compositora Sueli Costa e o pintor Carlos Bracher. O volume 2 conta com o educador Murílio Hingel, o poeta Edimilson de Almeida Pereira, o sindicalista Clodesmidt Riani, o sambista Mamão e o radialista Natálio Luz. No volume 3, estão o historiador Almir de Oliveira, o fotógrafo Jorge Couri, o cineasta Marcos Pimentel, o jornalista Wilson Cid e a ex-vereadora Vera Faria.

O quinto volume da série já está em edição e traz o ex-prefeito Tarcísio Delgado, a jornalista Leda Nagle, o poeta Affonso Romano de Sant'Anna, a educadora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira e o cineasta José Sette.

COMBUSTÍVEL PARA A CULTURA

A professora Leila Barbosa, conhecida pelo seu trabalho com a memória e coautora do livro *Ismael Nery e Murilo Mendes: reflexos*, primeira publicação do Selo MAMM/UFJF, destaca o acerto de se retomar o *Diálogos Abertos*. "É preciso continuar com o relato dessas personalidades que marcaram a história de Juiz de Fora. É um registro que se estabelece como fonte de pesquisa confiável para o momento e para o futuro", diz Leila, lembrando que a série traz um cunho cultural, imprescindível para definir a identidade dos juiz-foranos.

Marisa Timponi, que também assina *Ismael Nery e Murilo Mendes: reflexos*, indicado ao Prêmio Jabuti, defende projetos que já provaram seu acerto e que têm a intenção de informar e preservar a história, lembrando que eles carregam o mérito de realimentar a cultura em múltiplas instâncias. Debatedora em alguns dos depoimentos do *Diálogos Abertos*, ela aplaude a volta da série, que, a seu ver, representa também um importante espaço de renovação cultural.

O professor William Redmond, que assinou a orelha do volume inaugural da série *Diálogos Abertos*, ressalta a importância de se revisitar um trabalho de valor inquestionável. "Essa é uma das iniciativas mais criativas que conheço para a preservação da memória cultural. A forma como são realizados esses registros, com filmagens profissionais e uma versão revisada e publicada como livro pela Pró-reitoria de Cultura, garante o testemunho desses gigantes da cultura juiz-forana. É importante lembrar que o projeto inclui figuras que fizeram da cidade um centro cultural que, no seu auge, foi chamada de Atenas de Minas Gerais."





MAMM MISSÃO E VOCAÇÃO

O crescimento institucional do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), alcançado ao longo de dez anos de funcionamento, pautou a reformulação de estruturas documentais em 2015. Com missão de ampliar o acesso da sociedade aos acervos de arte e literatura do poeta Murilo Mendes e difundir o pensamento muriliano por meio de pesquisas científico-culturais, o novo Plano Museológico, que regerá as diretrizes do MAMM, foi aprovado pelo Conselho Curador do museu no dia 16 de outubro.

De forma estratégica e concordante com o novo Regimento do museu, ratificado em março deste ano, o Plano destrincha os preceitos que pretendem que a instituição seja reconhecida até 2018 no âmbito da literatura, das artes visuais, da memória local e regional sobre a obra de Murilo Mendes.

Segundo o restaurador Aloisio Castro, responsável pela elaboração e apresentação do documento, supervisionado pelo superintendente interino José Alberto Pinho Neves, o Plano Museológico é uma ferramenta que tem forte conotação político-administrativa e possibilita identificar a vocação da instituição.

A elaboração do Plano, que deve ser reformulado a cada quatro anos, foi lapidada no âmbito jurídico das instituições museológicas da Administração Pública Brasileira. O vínculo comporta a obrigatoriedade de consonância com a Lei nº 11.904, de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e com o Decreto nº 8.124, de 2013, que regulamenta seus dispositivos. Documentos do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) também serviram como base de consulta.

Como instrumento de tradução do pensamento museológico contemporâneo, o novo Plano é pautado em referências teórico-metodológicas de conselhos e centros internacionais. Além da abordagem técnica, a construção do documento se voltou para o estudo estratégico de fatores críticos que interferem na conduta do museu. “A metodologia iniciou-se com um diagnóstico apurado da atual situação do MAMM, com a indica-

ção dos seus pontos fracos, fortes, ameaças e oportunidades. Essa etapa exigiu um exame exaustivo da equipe técnica, uma vez que foi de fundamental importância para a elaboração das etapas subsequentes: estabelecimentos de programas, projetos, ações e atividades a serem desenvolvidas no âmbito museológico”, reafirma o restaurador Aloisio Castro.

REGIMENTO INTERNO

Anterior ao Plano Museológico, a atualização do Regimento Interno do MAMM foi aprovada pelo CONSU em março de 2015. O período de reformulação proporcionou ao corpo técnico do museu que fossem repensadas propostas e atividades e colaborou para a formulação de um Plano com objetivos já bem estabelecidos. “O novo Regimento Interno reclama a vocação de uma instituição museológica comprometida com programas, projetos e ações institucionais prioritariamente vinculados à vida e à obra do poeta Murilo Mendes. Assim sendo, o teor do Regimento Interno do MAMM não cede lugar ao entendimento do museu como um centro cultural no qual poderiam ser desenvolvidas atividades diversas e que, portanto, estariam destoantes da missão institucional nele contida”, ressalta Aloisio Castro.

PROPÓSITO

Com a implementação de uma estrutura regimental que se conecta às características contemporâneas e aos parâmetros institucionais das novas diretrizes do Museu, o tríptico conceito de ensino, pesquisa e extensão da UFJF seguirá pautado nas estratégias museológicas vigentes no Plano.

A missão “Ampliar o acesso da sociedade ao acervo de artes visuais e literário relacionado ao poeta Murilo Mendes, estimulando e desenvolvendo pesquisas e atividades científico-culturais para preservar e difundir o pensamento muriliano” demarca o foco na interdisciplinaridade do museu.

Carolina Tosetti

MURILO MENDES ACERVO EM CATÁLOGO

A Biblioteca do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) deu início ao projeto de produção de um catálogo que relaciona todas as obras do acervo literário do poeta. A intenção é auxiliar os pesquisadores, facilitando suas futuras pesquisas. Já estão sendo feitos levantamentos através de um formulário onde constam os dados bibliográficos e as marcações que foram feitas nas obras pelo poeta durante a leitura das obras: marginais, anotações, correções, grifos, dedicatórias e marcas de propriedade. A intenção é que o catálogo seja produzido até o ano que vem em versão impressa, não sendo cogitada ainda a ideia de uma publicação online.

A biblioteca do MAMM se divide em dois setores. O principal deles – e alvo do catálogo – é a biblioteca de Murilo Mendes, composta por um acervo de cerca de três mil livros que pertenceram ao poeta. São obras em língua estrangeira e em língua portuguesa, além de títulos de autoria de Murilo, destinadas a pesquisadores e estudiosos do poeta mineiro.

Os livros desse acervo possuem anotações do poeta, dedicatórias, observações, correções, notas e marginais. Estas, especialmente, possibilitam aos pesquisadores maior percepção do quanto a leitura daquela obra influenciou a produção literária de Murilo. Muitas marcações em livros sobre religião, artes e literatura já foram analisadas por estudiosos, os quais consideram que, quanto mais marcado o livro, maior deveria ser o interesse do poeta pela obra.

Traços de personalidade também podem ser observados através das marcações. Como outros escritores, Murilo deixava suas anotações de leitura consciente de que elas poderiam ser usadas para futuras pesquisas. Há casos cômicos, nos quais se apreende essa intenção do poeta. Por exemplo, em uma edição francesa dos *Pensamentos*, de Pascal, consta: “Este exemplar não está muito anotado porque eu anotei no outro”, ou ainda, “Não foi eu quem fez essas anotações”.

Circunstâncias bibliográficas dessa ordem serão incluídas no projeto do catálogo, de modo a esclarecer o horizonte interior de Murilo Mendes. Através desse levantamento, parte da leitura do poeta será também nossa.

OUTROS ACERVOS

Outro setor da Biblioteca do MAMM reúne o conjunto de acervos de personalidades e escritores da cidade que foram doados pelas respectivas famílias após seus falecimentos. O acervo conta com as bibliotecas do artista plástico Guima, do arquiteto Arthur Arcuri, dos escritores Gilberto de Alencar e Cosette de Alencar, e da professora Cleonice Rainho, muito premiada nos países de língua portuguesa e autora de 21 obras e diversos livros infantis, que ainda está em processamento e, por enquanto, não disponível para pesquisa.

Nesse mesmo setor, ainda há um acervo bibliográfico em constante ampliação, que é composto por livros doados e comprados pelo Museu, dentro da área de interesse de Murilo Mendes, a qual abrangia os temas literatura, arte, história e religião. Além das obras, a biblioteca ainda conta com fotos, documentos, correspondências de Murilo, Gilberto e Cosette de Alencar e Cleonice Rainho, recortes de jornais, principalmente da família Alencar, que escrevia para diversos jornais de Juiz de Fora, e manuscritos originais de obras de Gilberto de Alencar. Todos disponíveis para pesquisa.

Nele, há também obras em primeira edição de Murilo Mendes, como *História do Brasil*, livro de poemas piadas nos moldes do modernismo, contando a história do país do Descobrimento à revolução de 1932. Posteriormente, esse livro foi renegado pelo próprio Murilo, que acreditava ser uma publicação destoante do conjunto de suas obras. O espaço também abriga as primeiras edições de outras obras do poeta e publicações reeditadas recentemente pela editora Cosac Naify.

Carina Salgado

UFJF | PROCULT
Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3964
www.ufjf.br/procult

EXPOSIÇÃO

1º Circuito de Arte Atual
Saguão da Reitoria

CINE-THEATRO CENTRAL
Praça João Pessoa, s/nº.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

02.12, 20h 3650 – As dores
e as delícias da convivência -
Remiwl Street Crew

3.12, 21h Amizade Sincera
volume 2 - Renato Teixeira e
Sérgio Reis

05 e 06.12, 20h A Bela
Adormecida - Balé Misailidis
07 e 8.12, 19h Divas e Ploc
Kids – Academia Expressão e
Movimento

12.12, 20h Peter Pan e Rio 450
- Corpus Núcleo de Dança

15.12, 20h Tempo de Amor
e Alegria – Lúdica Música! e
convidados

16.12, 20h Preto Combina com
Tudo - Marcelo Marron

19.12, 20h Sete - Ballet e Jazz
Ira Cris

20.12, 20h30 Orquestra
Sinfônica Mário Vieira

MAMM
MUSEU DE ARTE
MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm
Segunda a sexta: 9h às 18h

EXPOSIÇÕES

L'occhio del Poeta – O Olho do
Poeta
Galeria Convergência

Microlições de Coisas
Galeria Retratos-relâmpago

Outras Coisas, Outras Lições
Galeria Poliedro

01.12, 19h Leituras Temáticas
- Música e Poesia, com Toninho
Horta e Petrônio Souza

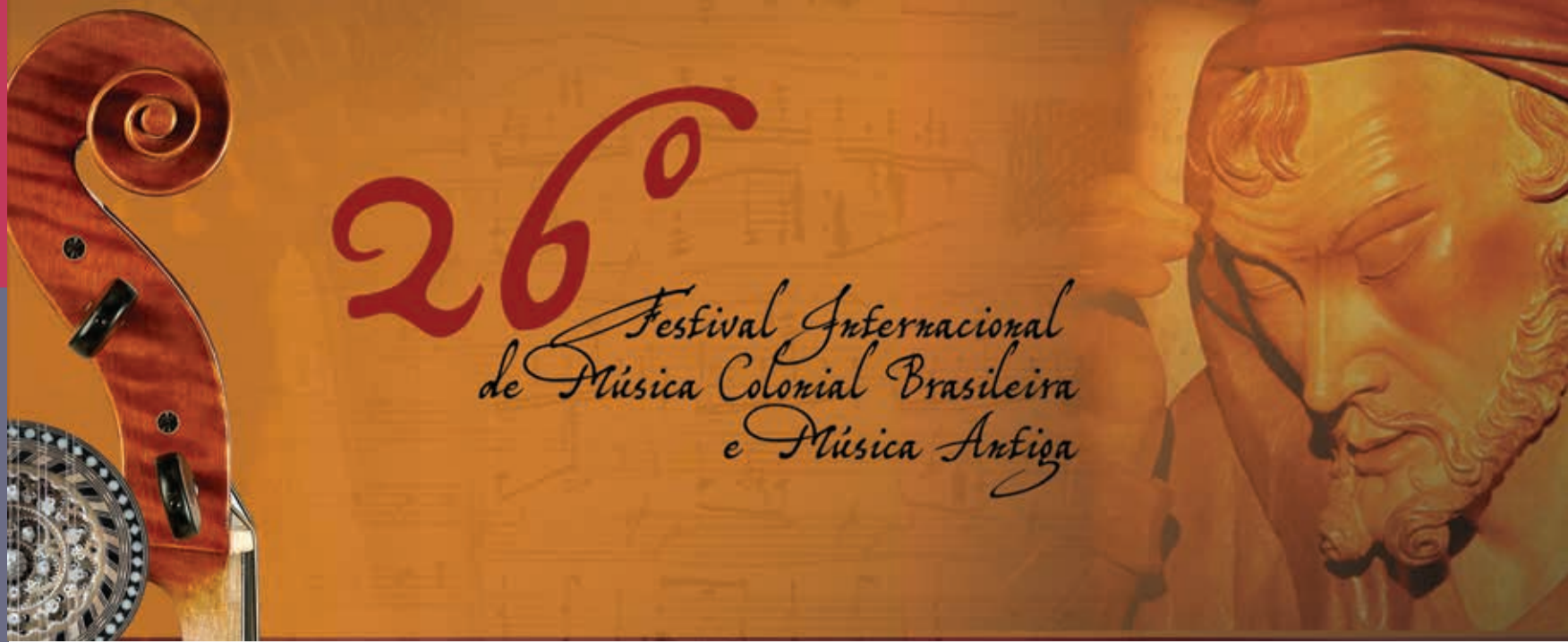
04.12, 16h Cinemamm
- Mostra Cine Francês -
Indignados, de Tony Gatlif
(2012)

08.12, 20h Musicamamm -
Dudu Lima Trio
17.12, 20h Coral UFJF

PRÓ-MÚSICA/UFJF
Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3215-3951

EXPOSIÇÃO

O que vejo é música
Galeria Renato de Almeida



FESTIVAL VITÓRIA DA MÚSICA

Dez dias de atividades intensivas – oficinas, curso, palestras, gravação de CD e concertos diversos – garantiram o sucesso do 26º Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga, realizado pelo Centro Cultural Pró-Música/UFJF, com patrocínio da Petrobras. Em geral, o formato reduzido da edição – que concentrou toda a programação em uma única semana – não comprometeu e até agradou aos participantes.

“Acho que duas semanas é muito tempo. A energia, em geral, dos alunos no Brasil é diferente. Tendo duas semanas pela frente, as pessoas pensam: tenho um tempo para... e então ficam relaxadas”, argumentou Bruno Procópio, para quem a alternativa de “fazer uma imersão de uma semana” é melhor para os alunos do que ficarem “vagando duas semanas numa outra cidade”, sobretudo quando não dispõem de recursos para custear hotel e alimentação por tanto tempo.

A concentração das atividades no Instituto de Artes e Design (IAD), na UFJF, também foi considerada um diferencial da edição. Além da tranquilidade do campus, as oficinas foram ministradas em salas próprias para o ensino de música: “A cidade não é adaptada, é barulhenta. Eu sempre achei que fazer [as oficinas] em colégios era péssimo. Lá as paredes são de azulejo; aqui na universidade, aumentou consideravelmente a qualidade”, avaliou Bruno Procópio.

O professor, pesquisador e contrabaixista do Musa Brasília, Fausto Borém, elogiou a universidade por realizar um evento de alto nível, apesar das dificuldades decorrentes da crise no país. “A iniciativa da UFJF coloca a Universidade em muita evidência no Brasil inteiro. Ela assumiu um festival e conseguiu organizá-lo com muita competência para que as pessoas pudessem aproveitar ao máximo. Incluíram mudanças muito benéficas, dando continuidade a um trabalho muito bom que era o do Pró-Música.”

APRENDIZADO

A mudança de data – com a realização do evento excepcionalmente em novembro – foi um aspecto discutido pelos participantes: “Muitas pessoas não puderam se deslocar das suas cidades e estados por conta da mudança e por não estarmos em férias. Mas os alunos que vieram estão superempenhados”, observou Osny Fonseca, que ministrou a oficina de dança barroca. “Acho que o ideal é tirar o melhor dessa versão nova, que tem lados positivos e negativos. É um aprendizado para todos, organizadores, alunos e professores”, resumiu Osny – que pôde avaliar o evento sob o duplo ponto de vista, de professor e aluno. Ele é um ex-aluno do festival que retornou nesta 26ª edição pela primeira vez como professor: “É muito gratificante. Eu obtive conhecimentos aqui, e hoje estou repassando para esses meninos, que estão dedicando suas carreiras à música antiga.”

Outra ex-aluna que retornou ao Festival como professora foi Veruschka Mainhard, que deu aulas de canto barroco. “É muito bom rever essa cidade. Participei como aluna e retorno como professora, e isso é uma experiência excelente. Acho que este novo formato e o antigo funcionam muito bem, cada um com sua especificidade. Está tudo perfeito.”

APROVEITAMENTO

Na opinião dos alunos, a edição não perdeu em qualidade em comparação com as anteriores. Para Caroline de Oliveira, 22 anos e aluna do 8º período do curso de música na UFJF (violino), o aproveitamento foi até melhor: “As práticas são melhores, e as palestras estão mais voltadas para o Barroco, pois antes a gente tinha uma visão mais geral. Esse afunilamento é melhor”. A estudante Luísa Mendonça Daniel, 23 anos, aluna do 7º período de Música (violoncelo), achou bom os alunos poderem utilizar o Restaurante Universitário e adorou as oficinas de dança barroca e música de câmara.

Aluno de licenciatura em Música na UFRJ, João Pedro Azeredo Costa, 24 anos, se esforçou para estar nesta edição do Festival em Juiz de Fora e fazer as oficinas de flauta doce com David Castelo e de música de câmara com Mário Trilha. “Estou faltando a algumas aulas no Rio de Janeiro, mas esse esforço está valendo a pena. Ano que vem já estou me programando; espero que seja no período de férias para eu aproveitar mais.”

De Porto Alegre, onde estuda regência na UFRGS, Arthur Wilkens veio ao Festival para ter, pela primeira vez, contato com questões técnicas do estudo do cravo, instrumento pelo qual se interessa. “Lá em Porto Alegre não tenho professor de cravo, então eu tenho que recorrer a esses festivais para poder aprender com pessoas que têm mais experiência. No caso da música antiga, ainda não se tem muito espaço para estudar aqui no Brasil. Portanto, esses festivais, principalmente aqui em Juiz de Fora, proporcionam um espaço importante.” O aluno ficou muito satisfeito com as atividades oferecidas durante o evento: “Tenho atividades o dia todo. Aulas de manhã e à tarde, palestras, e concertos à noite, que compõem uma programação com uma qualidade excelente. É uma experiência de imersão muito rica”.

Pela primeira vez no Festival, Rafael Meliande França, 24 anos, aluno de engenharia na Universidade Federal Fluminense (UFF, de Niterói) e interessado em canto, veio fazer a oficina de repertório barroco. “Tive as atividades da oficina de canto de manhã, as oficinas de música de câmara à tarde, palestras, e concertos toda noite. Então você fica sempre ocupado e bastante integrado com as coisas. Sem falar que oferecem o almoço e o lanche; então estou achando ótimo.”

CAMINHO

Os bons resultados da edição – sobretudo a avaliação positiva de alunos e professores quanto à realização das oficinas no IAD, com seu ambiente mais adequado ao ensino de música – apontam para o caminho a ser adotado pelo Festival, com a sua incorporação pela universidade: tornar-se cada vez mais acadêmico. A perspectiva é de que sua realização conte com o envolvimento crescente do Curso de Música da instituição, mobilizando professores e alunos em torno da prática, do ensino e da pesquisa da música colonial brasileira e da música antiga – em sintonia, aliás, com o que defende o professor da Universidade do Estado do Amazonas e diretor da Orquestra Barroca do Amazonas, Márcio Páscoa (ver artigo na página 2), isto é, a associação entre prática, ação pedagógica e lastro científico.